

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

DANIELE SOUSA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA
INTELIGÊNCIA:** uma análise da trajetória de Charlie Gordon sob perspectiva da
Psicologia

São Luís

2025

DANIELE SOUSA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA
INTELIGÊNCIA:** uma análise da trajetória de Charlie Gordon sob perspectiva da
Psicologia

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário Unidade
de Ensino Superior Dom Bosco como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Lília Ferreira da Luz.

São Luís

2025

Santos, Daniele Sousa

A construção da identidade e os impactos psicossociais da inteligência: uma análise da trajetória de Charlie Gordon sob a perspectiva da Psicologia. / Daniele Sousa Santos. ____São Luís, 2025.

51 f.

Orientador: Prof. Lília Ferreira da Luz.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia
– Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
– UNDB, 2025.

1. Identidade. 2. Deficiência intelectual. 3. Psicologia social.
4. Estigma. 5. Inteligência. I. Título.

CDU 159.923.2:159.973

DANIELE SOUSA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA
INTELIGÊNCIA:** uma análise da trajetória de Charlie Gordon sob perspectiva da
Psicologia

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário Unidade
de Ensino Superior Dom Bosco como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Lília Ferreira da Luz (Orientadora)

Mestranda em Cultura e Sociedade/Pgcult

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva

Mestre em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Me. Valéria Maria Lima Cardoso

Mestre em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Quando eu ainda tropeçava nas palavras,
vocês me mostraram que os livros seriam
asas. Mãe, pai, dedico a vocês cada página
deste TCC.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos encontros especiais que a vida generosamente proporciona e aos caminhos que celebram a existência, o crescimento e a superação. Agradeço, primeiramente, a Deus, que tem sido minha fonte inesgotável de força, sabedoria e luz, guiando meus passos mesmo nos momentos mais desafiadores desta jornada.

Este TCC é, sobretudo, uma homenagem ao esforço incansável da minha família. À minha mãe, Conceição Sousa, e ao meu pai, Alfredo Mariano, que jamais permitiram que eu desistisse dos meus sonhos, dedico toda a minha gratidão. Vocês foram e continuam sendo a base sólida sobre a qual construo minha vida e minha identidade. Cada palavra escrita aqui carrega o amor, a dedicação e o incentivo que sempre recebi de vocês, mesmo nos dias mais difíceis. Obrigada por me mostrarem que a perseverança é o caminho para a conquista.

Agradeço também à outra parte fundamental da minha vida, Marcinha e Pan, os pais que Deus me presenteou. Vocês me acolheram com tanto carinho e amor, me fizeram sentir parte de uma nova família e me abençoaram com um novo caminho cheio de esperança e possibilidades. É graças a vocês que encontrei um porto seguro para crescer e aprender. O amor e o apoio de vocês foram indispensáveis para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, Lucas, Rodrigo e Alcineia, sou imensamente grata pelo incentivo constante e pela presença nos momentos de dúvida e celebração. Vocês sempre foram meus parceiros de caminhada, oferecendo palavras de conforto, motivação e uma amizade verdadeira. E a você, landra, meu agradecimento especial por ser uma irmã que a vida me deu e que sempre esteve ao meu lado.

Dedico também ao meu tio querido Antônio, que sempre celebrou minhas conquistas com tanto amor e orgulho, mesmo não estando mais entre nós. Sua lembrança e apoio permanecem vivos em meu coração e me motivam a seguir adiante.

Dedico também um agradecimento muito especial aos meus amigos, que fizeram desta trajetória uma experiência leve, alegre e cheia de aprendizado. Ao Arthur Sá Gondim, que já não está mais entre nós, mas cuja luz continua a iluminar meu caminho, agradeço profundamente pela amizade sincera, pelo apoio

incondicional e pelo amor eterno que permanece vivo em meu coração. À Amália Beatriz e à Maria Laura, agradeço por compartilharem tantos momentos inesquecíveis, por todas as risadas, os desafios superados juntos e a cumplicidade que fortaleceu minha caminhada acadêmica.

A todos os meus amigos da faculdade e às parcerias firmadas no pátio, à sombra daquele Pau-Brasil, deixo meu carinho e minha profunda gratidão por cada sorriso compartilhado, por cada conversa que animou os dias cansativos e por cada descoberta feita em grupo. Vocês foram peças fundamentais para que este momento fosse vivido com leveza e alegria, contribuindo para o meu crescimento não apenas como estudante, mas como pessoa. É com vocês que celebro as novas partes de mim que descobri e a certeza de que nenhuma conquista se faz sozinha.

Sou especialmente grata aos meus professores, que foram verdadeiros mestres ao longo desta jornada. Em particular, agradeço à Regiene Peixoto, por ensinar com tanta maestria, dedicação e cuidado. À minha orientadora, Lilia Ferreira, devo um reconhecimento profundo. Sua paciência, seu apoio e sua sabedoria foram fundamentais para que este trabalho tomasse forma e se tornasse realidade. Lilia, sua orientação foi luz em cada etapa, e sou imensamente grata por sua confiança e incentivo.

Dedico também ao meu psicólogo, Carlos Meireles, pela escuta atenta, pelo acolhimento sensível e por me ajudar a compreender meus processos com mais leveza e profundidade. Sua presença foi fundamental nesta trajetória.

Não poderia deixar de mencionar a Milli, minha companheira de quatro patas, que esteve sempre ao meu lado, especialmente nos momentos de cansaço e dúvida. Seu carrinho barulhento e sua presença constante foram fonte de conforto e motivação para seguir em frente.

Dedico a Charlie Gordon, personagem com deficiência intelectual do livro *Flores para Algernon*, um dos meus favoritos, cuja complexidade e profundidade me tocaram de maneira única. Acompanhando sua luta contra as limitações impostas pela sociedade, foi profundamente impactada pela coragem e pela perseverança com que enfrentou cada desafio. Charlie nunca desistiu, mesmo diante de barreiras que muitos consideraram intransponíveis, e sua sensibilidade aguçada iluminou minha compreensão sobre identidade, inteligência e humanidade. Sua trajetória de mudanças intensas e dolorosas foi a base e a inspiração para este trabalho. Que a

literatura continue a mover paixões, despertar consciências e ampliar nosso conhecimento.

Por fim, este TCC também celebra os laços comunitários do meu interior, o povoado Engenho, em Barreirinhas, onde corri descalça, aprendi a admirar o céu e a reconhecer o valor das coisas simples. Foi ali que aprendi sobre a genuinidade e a autenticidade, sobre o poder da comunidade e a força das tradições que atravessam gerações. É desse chão afetivo que brotam as raízes que sustentam quem sou.

Sinto medo. Não dá vida ou da morte ou do nada, mas de desperdiçá-la como se eu nunca tivesse existido (Keyes, 2018, p. 260).

RESUMO

Este trabalho analisa a construção da identidade e os impactos psicossociais da inteligência na trajetória de Charlie Gordon, personagem central do romance *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes, sob a perspectiva da Psicologia. A problemática central consiste em compreender de que forma os aspectos psicossociais vivenciados, como estigmas e exclusões sociais, influenciam a construção de sua identidade, considerando a formação de estereótipos acerca da inteligência. O objetivo geral é compreender os fatores psicossociais que impactam a identidade do personagem Charlie Gordon. Para isso, propõem-se os seguintes objetivos específicos: (a) identificar os elementos psicossociais que influenciam a construção da identidade sob a ótica da psicologia; (b) explorar a trajetória de Charlie Gordon ao longo da obra, com foco em suas mudanças cognitivas, emocionais e sociais; e (c) analisar como os estereótipos sociais afetam a autoimagem do personagem e os impactos emocionais decorrentes. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, fundamenta-se em teorias da psicologia do desenvolvimento e da psicologia social, com ênfase em autores como Vygotsky, Erikson e Ciampa, buscando compreender as mudanças identitárias do personagem. Para isso, estruturam-se três fases distintas da narrativa: antes da operação, ascensão intelectual e o período final. Os resultados revelam que os vínculos afetivos, a aceitação social e o reconhecimento interpessoal desempenham papel essencial na constituição da identidade. Além disso, o estudo destaca a importância de compreender a deficiência intelectual não apenas sob o viés clínico, mas como uma construção social, ressaltando os mecanismos de exclusão que geram sofrimento psíquico e limitam a participação do indivíduo na sociedade. A partir dessa análise, conclui-se que a identidade não é um conceito fixo ou exclusivamente vinculado à capacidade intelectual, mas sim um processo dinâmico, relacional e historicamente situado, dependente das interações entre o sujeito e o meio social em que está inserido.

Palavras-chave: Identidade. Deficiência Intelectual. Psicologia Social. Estigma. Inteligência.

ABSTRACT

This study analyzes the construction of identity and the psychosocial impacts of intelligence in the trajectory of Charlie Gordon, the central character of the novel *Flowers for Algernon* by Daniel Keyes, through the lens of Psychology. The central issue lies in understanding how psychosocial experiences—such as stigma and social exclusion—influence the construction of his identity, considering the formation of stereotypes related to intelligence. The general objective is to understand the psychosocial factors that impact the character's identity. To achieve this, the following specific objectives are proposed: (a) to identify the psychosocial elements that influence identity construction from a psychological perspective; (b) to explore Charlie Gordon's trajectory throughout the novel, focusing on his cognitive, emotional, and social changes; and (c) to analyze how social stereotypes affect the character's self-image and the resulting emotional impacts. This is a qualitative and exploratory study grounded in developmental and social psychology theories, drawing on authors such as Vygotsky, Erikson, and Ciampa, to understand the character's identity transformations. The analysis is structured around three distinct phases of the narrative: before the operation, intellectual ascent, and the final period. The results reveal that affective bonds, social acceptance, and interpersonal recognition play a fundamental role in the formation of identity. Furthermore, the study highlights the importance of understanding intellectual disability not merely from a clinical perspective, but as a social construct, emphasizing the mechanisms of exclusion that generate psychological suffering and limit an individual's participation in society. From this analysis, it is concluded that identity is not a fixed concept nor exclusively linked to intellectual capacity, but rather a dynamic, relational, and historically situated process, shaped by the interactions between the individual and their social environment.

Keywords: Identity. Intellectual Disability. Social Psychology. Stigma. Intelligence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	<i>American Psychiatric Association</i>
BR	Brasil
CID-10	Classificação Internacional de Doenças, 10ª Edição
DI	Deficiência Intelectual
DSM-V edição	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição
DSM-V-TR edição, revisada	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, revisada
QI	Quociente de Inteligência
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UNDB	Unidade de Ensino Superior Dom Bosco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ELEMENTOS PSICOSSOCIAIS QUE INFLUENCIAM NA IDENTIDADE	17
2.1 A construção da identidade na psicologia.....	17
2.1.1 O impacto da deficiência intelectual na construção da identidade	19
2.1.1.1 O sujeito e a experiência social da deficiência.....	23
3 A TRAJETÓRIA DE CHARLIE GORDON: UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS E REPERCUSSÕES.....	25
3.1 Apresentação da obra e do autor.....	25
3.2 Charlie antes da operação: subjetividade e vulnerabilidade	27
3.3 Fase intermediário: o período cirúrgico e transformações	29
3.4 A ascensão Intelectual: o encontro com o saber	31
4 AS ADAPTAÇÕES EMOCIONAIS DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES DO PROTAGONISTA CHARLIE GORDON	34
4.1 Emoções como núcleo da transformação.....	34
4.2 Impacto das transformações na estrutura psicológica	35
4.3 Do conflito à resignificação: etapas da adaptação emocional.....	38
4.4 Contradições e ambivalências no percurso emocional	40
4.5 Ressonâncias coletivas da experiência emocional	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A identidade humana e seus processos psicossociais são temas essenciais para a psicologia, pois envolvem a forma como o indivíduo constitui suas relações afetivas, sociais, cognitivas ao longo do seu desenvolvimento. Para entender esse fenômeno, é importante considerar fatores históricos, culturais, sociais e individuais que moldam o sujeito. Nesse sentido, a psicologia do desenvolvimento e a psicologia social oferecem importantes contribuições teóricas para o entendimento da construção da identidade, especialmente em contextos marcados por desigualdades e estigmas.

Autores como Erik Erikson (1972), com sua teoria das etapas psicossociais do desenvolvimento, destacam a identidade como um processo dinâmico que se constrói ao longo da vida, sendo especialmente sensível às relações interpessoais e à percepção de pertencimento social. Da mesma forma, Vygotsky (1998, p. 75) propõe, a partir da Psicologia Sócio-Histórica, que os processos psicológicos superiores se formam a partir da mediação social, por meio da chamada Lei da Dupla Formação:

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e depois, no interior da criança (intrapicológico).

Dessa forma, tanto Erikson quanto Vygotsky (1998) contribuem para a compreensão da identidade como um processo relacional. Enquanto Erikson (1972) enfatiza as fases do desenvolvimento e os vínculos interpessoais, Vygotsky (1998) destaca a mediação social como base para a formação do sujeito. Assim, a identidade se constrói em constante diálogo entre o social e o individual. No contexto da psicologia social brasileira, destaca-se também Ciampa (1994), que enfatiza a identidade como um processo de transformação constante, dialético e historicamente situado, sempre atravessado pela relação entre o eu e o outro.

Em relação a indivíduos com Deficiência Intelectual (DI) esse processo de construção e desenvolvimento mediado socialmente é marcado por um conjunto de atitudes, estereótipos e sociais que são reproduzidos diariamente que impactam na singularidade do sujeito enquanto passam a ser compreendidos a partir de visão limitante de si. Para Vygotsky (1997), a manifestação da deficiência como condição incapacitante é decorrente da preponderância do defeito secundário sobre o defeito primário, ou seja, quando as consequências sociais advindas de limitações orgânicas se sobrepõem ao próprio defeito.

Nesse contexto, o romance *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes, apresenta a trajetória de Charlie Gordon, um homem com DI que passa por um experimento científico que aumenta exponencialmente a sua inteligência, o que gera grandes impactos na forma como ele percebe a si mesmo. A obra apresenta uma imersão rica sobre os desdobramentos de algo que foge aos padrões sociais, os dilemas do personagem e como os impactos dos estereótipos sobre deficiência influenciam sua experiência de pertencimento e reconhecimento social. Dessa forma, a análise da presente obra pode ser uma ferramenta valiosa para refletir sobre essas questões, oferecendo narrativas que representam a vivência de sujeitos com deficiência e suas experiências de desenvolvimento. Embora existam estudos sobre a deficiência intelectual e a identidade, são raras as análises literárias que articulam essas questões à psicologia social a partir de obras de ficção como *Flores para Algernon*, representando uma lacuna pouco explorada.

O conceito de estigma, segundo Goffman (1988), refere-se a uma marca depreciativa atribuída a indivíduos cujas características fogem às normas sociais, gerando exclusão e desvalorização. No caso da deficiência intelectual, o estigma está frequentemente atrelado a visões reducionistas da inteligência. Gardner (1983), com sua teoria das inteligências múltiplas, rompe com essa visão homogênea, propondo que há diversas formas de ser inteligente, não se restringindo ao desempenho lógico ou linguístico. Em *Flores para Algernon*, essa crítica torna-se evidente: Charlie Gordon, inicialmente excluído por sua limitação intelectual, só passa a ser valorizado socialmente após seu desempenho cognitivo se adequar às expectativas normativas. A obra evidencia, de forma contundente, como a sociedade reforça estigmas e limitações simbólicas, premiando a alta performance intelectual e ignorando outras dimensões da subjetividade. A valorização do sujeito, portanto, revela-se condicionada a um padrão estreito de inteligência, expondo o quanto esses estigmas comprometem a construção identitária e a dignidade de pessoas com deficiência.

Partindo desse contexto, este presente trabalho busca responder à seguinte pergunta: “De que forma os aspectos psicossociais na trajetória de Charlie Gordon influenciam a construção de sua identidade, considerando a formação de estereótipos acerca da inteligência?”. A hipótese principal é que as dinâmicas sociais desde a infância até a vida adulta influenciam diretamente a autoimagem e a identidade do sujeito, sendo um fator determinante na construção de sua autoestima e bem-estar emocional.

O objetivo geral é compreender os fatores psicossociais que impactam a identidade do personagem Charlie Gordon. Para isso, serão investigados os seguintes objetivos específicos: (a) identificar os elementos psicossociais relacionados ao desenvolvimento da inteligência sob a perspectiva da psicologia; (b) explorar a construção identidade de Charlie Gordon ao longo da obra Flores para Algernon, com base nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais; e (c) analisar de que forma os estereótipos sociais influenciam a percepção que o personagem tem de si mesmo ao longo de sua trajetória e os impactos emocionais.

A construção dessa pesquisa é justificada por uma necessidade de ampliar a compreensão sobre o desenvolvimento de pessoas com DI, destacando a importância e relevância do tema. Além disso, a literatura aponta que esse grupo ainda enfrenta exclusão e invisibilidade, o que torna relevante a análise de narrativas que retratam essa experiência e ressaltam a singularidade de cada experiência. Portanto, ao analisar uma obra literária sob um olhar psicológico, pretende-se contribuir tanto para a produção acadêmica quanto para o debate social sobre inclusão, identidade e subjetividade.

A metodologia utilizada neste estudo é de natureza qualitativa, com uma abordagem exploratória e descritiva, com foco em compreender a trajetória do personagem da obra Flores para Algernon (Keyes, 2018) sob a perspectiva da psicologia. A interpretação será fundamentada em conceitos da psicologia do desenvolvimento e da psicologia social, utilizando como base teórica os autores já mencionados. Posteriormente, serão analisadas as mudanças psicológicas e sociais no desenvolvimento do personagem dentro de fases que foram definidas com base na variação do funcionamento cognitivo e emocional do personagem ao longo da narrativa e nos aspectos essenciais para a análise proposta. A investigação será conduzida por meio da técnica de análise temática, no qual consiste em identificar, organizar e interpretar os temas recorrentes no material o que permite evidenciar os sentidos simbólicos dentro da obra..

Para o melhor desenvolvimento deste presente trabalho, o texto será dividido em partes: a introdução aqui apresentada, seguida da exposição da obra por meio de uma análise das diferentes fases da experiência e das mudanças. Além disso, serão discutidas as adaptações emocionais diante das transformações, apresentando as emoções a partir de um ponto de vista da psicologia, com modelos que compreendam esses processos.

2 ELEMENTOS PSICOSSOCIAIS QUE INFLUENCIAM NA IDENTIDADE

2.1 a construção da identidade na psicologia

A identidade é um conceito amplamente estudado tanto na psicologia quanto na antropologia, e representa uma busca de discutir e refletir sobre o posicionamento do sujeito no mundo dentro de uma dinâmica internacional. Logo, a identidade não é vista como algo imutável, completo e fixo, ao contrário, trata-se de um conceito que está em constante construção, situado na fronteira de possibilidades e moldado por um fenômeno historicamente construído.

Conforme Vitti (2024), a identidade não é algo inato, mas sim uma construção sócio-histórica que o indivíduo desenvolve ao longo de sua vida, sendo produzido nesse processo de interação e construção de sua própria história pessoal, da qual é agente ativo. Assim, o sujeito inserido nessa dinâmica tem suas possibilidades e alternativas de identidade. De acordo com o mesmo autor, as características da identidade também seriam ligadas a um conjunto de características próprias de uma pessoa, de forma exclusiva, como o nome, a idade, a impressão digital, que o distinguem de outras pessoas.

Nessa perspectiva, Gonçalves e colaboradores (1987), ampliam essa perspectiva ao destacar as influências da formação da identidade envolve, para além das intrapessoais, fatores interpessoais, como as identificações com outras pessoas, e fatores culturais, que envolvem os valores sociais aos quais o indivíduo está exposto, tanto em nível global quanto comunitário. Essa abordagem está alinhada com a visão sistêmica e ecológica proposta por Bronfenbrenner (1996), que enfatiza a interação entre o indivíduo e os múltiplos contextos ambientais, como família, escola, comunidade e sociedade, na constituição do desenvolvimento humano.

Nesse cenário, o grupo social em que o sujeito está inserido assume papel central nesse processo, uma vez que esse espaço de convivência é fundamental na ampliação ou restrição de suas oportunidades a depender de sua inserção social e das redes de suporte disponíveis. É nesse contexto grupal que se externalizam as crenças relacionadas à mobilidade social e à estratificação, nos quais se desenvolvem expectativas de autoeficácia. Conforme Melo-Dias e Silva (2019), a assimilação de normas de conformismo ou afirmação faz com que o sujeito tenha seus repertórios comportamentais, inclusive os assertivos e não assertivos, modelados pelas interações sociais.

As percepções sobre os integrantes do grupo externo costumam ser construídas por meio do pensamento categórico e manifestam-se através de crenças estereotipadas que são amplamente compartilhadas entre os membros do grupo. Os processos de formação de estereótipos estão relacionados às dinâmicas de grupo e aos vieses cognitivos que influenciam a maneira como as pessoas percebem e interpretam características dos outros, reforçando imagens e significados socialmente construídos (Pereira *et al.*, 2002).

Outrossim, essa formação múltipla e pessoal adquire uma importância primordial tanto para o sujeito quanto para a sociedade. Nesse sentido, segundo Erikson (1972), a construção da identidade envolve a definição de quem a pessoa é, quais são seus valores e os caminhos que deseja seguir ao longo da vida. “A identidade é vivenciada como uma sensação de saber quem se é e de onde se veio, e de ter uma direção no futuro” (Erikson, 1972, p. 109). Para o autor, essa formação corresponde à concepção que o indivíduo tem de si mesmo, sendo formada por valores, crenças e objetivos aos quais está profundamente comprometido. Desse modo, no processo de construção da identidade, as pessoas não se limitam apenas a descrever traços individuais que as tornam únicas, mas também se situam dentro do contexto social ao afirmarem categorias sociais, como gênero, etnia e papéis sociais. Segundo Tajfel e Amâncio (1982), a identidade social fundamenta-se na motivação dos indivíduos em manter uma autoimagem positiva, o que implica que os grupos aos quais pertencem exercem influência significativa na construção dessa percepção, reforçando sentimentos de pertencimento e valorização.

Na perspectiva da Psicologia Social, a identidade é formada nas interações e envolve os sentimentos que o sujeito elabora sobre o seu eu, baseados em dados do meio em que vive e nas características atribuídas tanto por ele quanto pelos outros, sendo um dos focos centrais dessa área compreender a relação entre indivíduo e sociedade. Nessa linha, Ciampa (1994, p. 74), psicólogo social brasileiro, aborda a ideia do sujeito nessa constante transformação, no qual o movimento é seu elemento central: a “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto”. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação”.

Inserido nesse panorama, Deaux *et al.* (1995) identificaram cinco tipos principais de identidade social aos quais os sujeitos tendem a se vincular: relacionamentos pessoais, profissões ou atividades, filiações políticas, grupos étnicos/religiosos e grupos estigmatizados. Essas categorias foram agrupadas a partir

da percepção de similaridade, revelando como a identidade se estrutura em torno das experiências de pertencimento e reconhecimento.

Diante disso, ao relacionar a formação da identidade a um contexto cultural pós-moderno, marcado por inúmeras transformações culturais, geográficas, tecnológicas e pela rapidez, se torna necessário aprender a se readaptar, assimilar cognitivamente as rápidas mudanças e atribuir significado a um mundo em constante transformação. Nesse cenário, Freitas (2011) ressalta que a teoria de Vygotsky sustenta que o desenvolvimento cognitivo do sujeito acontece no diálogo entre a natureza e o sujeito, formando um todo único no qual as suas funções se ligam de forma indissociável.

Dessa forma, a cognição, por sua vez, se relaciona aos processos mentais que permitem a interpretação dos acontecimentos e a tomada de decisão. Conforme Zulian (2015), os sujeitos dispõem de uma realidade limitada; dessa forma, sua capacidade cognitiva é reduzida por fatores como tempo, informações e habilidades de processamento. Por esse motivo, as escolhas são derivadas de um contexto. Além disso, Kahneman (2012) propõe que a mente funciona por dois sistemas cognitivos: um intuitivo e rápido (sistema 1) e um outro mais abstrato e deliberado (sistema 2). Desse modo, é possível compreender que o comportamento do indivíduo envolve diversas variáveis, bem como processos intuitivos e emocionais que influenciam as decisões e escolhas que constituem cada sujeito.

A interseção entre aspectos cognitivos e a identidade nos mostra que os sujeitos são, além de seres racionais que processam informações de maneira lógica, também são constituídos na experiência interacional. Logo, entender a identidade a partir da cognição permite uma análise mais realista do comportamento humano, rompendo com modelos simplificados que desconsideram a complexidade das interações sociais e mentais (Zulian, 2015). Esse processo, entretanto, não ocorre de forma homogênea, mas sim de acordo com a vivência de cada sujeito, os impactos desse processo relacional podem apresentar-se com desafios específicos às capacidades individuais, e que podem representar limitações à maneira como o sujeito se percebe e interage no mundo.

2.1.1 o impacto da deficiência intelectual na construção da identidade

Ao discutir se a identidade de pessoas com deficiência, é necessário um olhar singular sobre as muitas formas de estar no mundo e sobre a forma como a

sociedade entende e interpreta a existência humana ao longo dos muitos anos, em diferentes períodos e culturas. A deficiência intelectual (DI) estava relacionada à perda da racionalidade e, dessa forma, essas pessoas não eram reconhecidas como indivíduos com capacidades e frequentemente eram excluídas dos espaços de convivência. Vygotsky (1998) argumenta que o desenvolvimento humano se dá pela mediação social e cultural, destacando que as deficiências quando interpretadas à luz de uma lógica puramente biológica e tendem a restringir o potencial de desenvolvimento e de constituição identitária. Para ele, é a interação com o meio, com os outros e com os significados socialmente construídos que possibilita a emergência da consciência e da identidade.

Os sistemas internacionais de classificação, como o CID-10, da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1993, e o DSM-5, da American Psychiatric Association (APA) em 2014, desempenham um papel central na categorização da deficiência intelectual. Ambos utilizam critérios que consideram a gravidade da condição e os impactos no funcionamento pessoal, social e acadêmico. No CID-10, a deficiência é classificada em níveis (leve, moderada, grave e profunda), com descrições breves e pouco aprofundadas (Carvalho, 2014)

Atualmente, o DSM-V-TR (APA, 2023) substituiu o termo deficiência intelectual por transtorno do desenvolvimento intelectual e passou a ser definida por déficits nas funções intelectuais, como raciocínio, solução de problemas e pensamento abstrato, além de dificuldades no funcionamento adaptativo, que comprometem a independência e a participação social do indivíduo. Esses déficits devem se manifestar durante o período do desenvolvimento para que o diagnóstico seja estabelecido. Vale ressaltar que as classificações se orientam por uma visão organicista, naturalista e baseada em padrões históricos de normalidade, que entende a deficiência como algo a ser corrigido.

Sob essa perspectiva, é importante destacar que o diagnóstico deve ser usado para indicar o nível de gravidade e orientar o suporte necessário ao sujeito. Entretanto, o diagnóstico, muitas vezes, acaba reproduzindo um modelo reducionista, que contribui para o preconceito, discriminação e na rotulação, ao invés de promover apoio integral. Conforme Dias e Oliveira (2013), o diagnóstico acaba por reforçar a associação entre o modelo de medicina, que entende a deficiência como um adoecimento, e o modelo psicométrico, marcado por padrões estatísticos que focam em reduzir a um score e excluem uma análise integrada e os modos de funcionamento psicológico.

Autores como Glat (2004) e Bueno (2004) também defendem uma abordagem mais ampla da deficiência, compreendendo-a como resultado da inter-relação entre aspectos biológicos, sociais e culturais. Assim, os parâmetros de normalidade não devem ser apenas biológicos, mas também culturais e contextuais. Esse olhar ampliado é essencial, pois a identidade das pessoas com DI é construída em um cenário social permeado por estereótipos, preconceitos e representações que limitam suas possibilidades de pertencimento.

Diante desse modelo de construção e representação social que estabelece padrões normativos do que é ser uma pessoa inteligente e o desempenho esperado, a família acaba reproduzindo esses modelos. Nesse contexto, Vencato e Wendling (2020) apontam que a criança com deficiência altera o aspecto emocional do conjunto familiar, que é afetado por questões de aceitação ou rejeição em relação à criança. Quando a deficiência é lida a partir de um viés negativo, o ambiente familiar pode reforçar estigmas e limitar o desenvolvimento da autonomia e da autoestima, influenciando negativamente a autoimagem do sujeito.

Além do ambiente familiar, a escola ocupa um papel central na socialização e no reconhecimento do sujeito com DI. No entanto, a ausência de práticas pedagógicas inclusivas pode transformar a escola em um espaço de reprodução da exclusão, dificultando o pertencimento e perpetuando os rótulos de incapacidade. Nesse contexto, a identidade desses sujeitos é construída sob a sombra do estigma e da rotulação social, como apontam Reis, Araújo e Glat (2019). Os autores alertam para a ocorrência de uma “seleção natural social”, processo no qual sujeitos que não se adequam aos padrões normativos são segregados e submetidos a relações sociais marcadas pela marginalização.

Sob a ótica psicossocial, os estereótipos operam como mecanismos simbólicos de dominação. São construções coletivas que cristalizam expectativas sociais, assumem caráter normativo e tendem a homogeneizar sujeitos, desconsiderando suas singularidades. No caso da DI, esses estereótipos reduzem o sujeito à sua condição, atravessando sua experiência de mundo e interferindo na forma como é visto e como se vê. Ademais, Reis, Araújo e Glat (2019) apontam que essas crenças são generalizadas e aplicadas de maneira uniforme a todos os membros de determinado grupo, muitas vezes de forma exagerada e carregada de viés negativo. No contexto da DI, esses estereótipos surgem de forma significativa na construção desses indivíduos, pois impactam a forma como eles se percebem e são

percebidos socialmente. Além disso, esses estereótipos funcionam como mecanismos que reforçam barreiras sociais e institucionais.

Esses são os elementos identificados no processo de construção das identidades: a estigmatização, os estereótipos, a manipulação das informações sociais e as estratégias individuais para lidar. Todos esses fatores operam dentro de um sistema social onde as dinâmicas de poder desempenham um papel central e não podem ser ignoradas. Destaca-se, portanto, que a identidade passa a ser moldada dentro dessa perspectiva do grupo e influenciada pelas dinâmicas coletivas que são reproduzidas cotidianamente.

Nesse contexto, há uma clara relação entre a identidade particular da pessoa com DI e as identidades das pessoas cujas características biológicas não alteram suas atividades cognitivas. Essa relação se constrói como um horizonte incompleto, no qual o universal é símbolo de uma plenitude ausente, e o particular emerge num movimento contraditório, afirmando uma identidade diferencial que, ao mesmo tempo, participa da universalidade. Toda identidade carrega em si certa contingência, e a própria ideia de universalidade não possui essência definitiva, trata-se de um significado que se universaliza ao representar uma multiplicidade de demandas particulares (Laclau, 2012). Refletir sobre identidade da pessoa com DI, à luz dos processos e dinâmicas sociais, aponta para a necessidade de olhar as singularidades de cada sujeito. A fluidez e a dinamicidade, reconhecidas como aspectos essenciais da construção identitária, são frequentemente limitadas por estereótipos que reduzem o indivíduo à sua condição, cristalizando sua identidade em torno da deficiência e restringindo suas possibilidades de reinvenção e pertencimento social.

Diante do exposto, compreender a construção da identidade da pessoa com DI exige ultrapassar os limites impostos por diagnósticos e classificações normativas. A identidade não é um dado fixo, mas um processo relacional e dinâmico, constantemente (re)construído nas interações com o meio social e cultural. Nesse sentido, é fundamental abandonar visões reducionistas que cristalizam o sujeito em torno de sua deficiência e promover um olhar sensível às singularidades, potencialidades e modos plurais de existência. Somente por meio de uma abordagem inclusiva, que valorize a diversidade humana e desafie os discursos hegemônicos de normalidade, será possível construir espaços sociais mais justos, nos quais todos possam desenvolver e afirmar suas identidades com dignidade e pertencimento.

2.1.1.1 o sujeito e a experiência social da deficiência

Refletir sobre a experiência social da deficiência exige considerar como a sociedade estrutura crenças e organiza dinâmicas que impactam diretamente a forma como esses sujeitos são percebidos e incluídos. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, cerca de 23,9% da população brasileira declarou possuir pelo menos uma deficiência, um número expressivo, que evidencia a presença significativa desses corpos na sociedade, ainda que frequentemente invisibilizados por estigmas e preconceitos enraizados na cultura (Stiker, 2009).

A partir dessa realidade, torna-se fundamental compreender os modelos explicativos da deficiência. Nesse sentido, destaca-se o modelo social, em contraponto ao modelo biomédico e patologizante, propõe uma leitura da deficiência como consequência de uma sociedade excludente. Como aponta Bisol (2017), a deficiência é compreendida não como falha no corpo do indivíduo, mas como um produto de um meio social “descapacitante”. Essa perspectiva rompe com a noção de anormalidade, vista por (Diniz, 2007, p. 08) como um julgamento estético e moral: “não há como descrever um corpo com deficiência como anormal, essa é uma entre várias possibilidades para a existência humana”. Mais recentemente, o modelo pós-social ampliou essa discussão ao inserir a deficiência em uma abordagem interseccional, contextualizando-a como uma forma de opressão social articulada a outras desigualdades, como gênero, raça e classe (Bisol, 2017).

No caso específico da DI, os estereótipos frequentemente associam esses sujeitos à incapacidade, infantilização e dependência, o que interfere diretamente na constituição de sua identidade. Como afirmam Mello e Nuernberg (2012) às opressões vivenciadas por pessoas com deficiência não decorrem da lesão corporal, mas da estrutura social excludente. Desse modo, a internalização desses estigmas pode comprometer um sentimento de pertencimento social.

As representações sociais da deficiência são construídas a partir de comparações com o chamado “corpo ideal” ou “corpo canônico”, um padrão que, segundo Silveira (2012), é continuamente reforçado por discursos midiáticos, científicos e médicos. A tentativa de alcançar esse ideal normativo impulsiona práticas de exclusão e discriminação. Para Hall (1997 *apud* Miguel, 2022), os significados são socialmente construídos e, portanto, os estigmas atribuídos aos corpos com deficiência não estão nos corpos em si, mas nos discursos sociais que os moldam.

Nesse contexto, movimentos sociais e redes de apoio têm sido fundamentais na resistência a esses discursos, promovendo o reconhecimento da deficiência como parte legítima da diversidade humana. Como destacam Cabral e Ferreira (2010), tais iniciativas têm contribuído para a conquista de direitos e a criação de políticas públicas inclusivas, ao questionarem barreiras atitudinais, arquitetônicas e comunicacionais.

Assim, a identidade do sujeito com deficiência se forma a partir do tensionamento entre exclusão e pertencimento. Dessa forma, a deficiência não deve ser compreendida como uma marca de inferioridade, mas como uma das múltiplas formas possíveis de existência. Além disso, o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder o investem, o marcam e o sujeitam, demonstrando como ele é atravessado por normas sociais e econômicas (Foucault, 2010).

Diante do exposto, a experiência social da deficiência demonstra a importância de um olhar que vá além da limitação funcional, considerando as interações e estruturas que moldam a identidade do sujeito. Por fim, a superação de antigos modelos de estigma e a construção de um espaço de pertencimento dependem de uma mudança cultural que reconheça a deficiência como parte legítima da condição humana, de forma a buscar o respeito e a igualdade de oportunidade.

3 A TRAJETÓRIA DE CHARLIE GORDON: UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS E REPERCUSSÕES

3.1 apresentação da obra e do autor

O romance *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes (1927-2014) é considerado um clássico da ficção científica da literatura norte-americana. Foi publicado inicialmente como um conto em 1866 e posteriormente o conto foi expandido para romance em 1959. O livro logo se tornou uma das obras mais significativas de ficção contemporânea.

Flores para Algernon tornou-se um sucesso imediato e a versão em conto rendeu a Keyes o Prêmio Hugo, o mais prestigiado da ficção científica, enquanto o romance ganhou o Prêmio Nebula. Em 1968, a história foi adaptada para o cinema no filme *Os Dois Mundos de Charly*, cuja atuação de Cliff Robertson rendeu o Oscar de melhor ator. Além de ser reconhecido por essa obra, Daniel Keyes escreveu outros livros notáveis consolidando sua carreira como autor comprometido com temas psicológicos, identitários e sociais.

Daniel Keyes nasceu em 9 de agosto de 1927, no Brooklyn, Nova York. Formou-se em Psicologia pelo *Brooklyn College* e posteriormente obteve um mestrado em Literatura Inglesa e Americana, conciliando seus estudos com a docência e a escrita criativa. Daniel Keyes passou anos reunindo anotações, que iam desde artigos acadêmicos até *A Poética* de Aristóteles, enquanto escrevia quadrinhos para Stan Lee. O ponto de partida definitivo surgiu em sua vivência como professor: “Keyes lecionava inglês para uma turma especial de jovens com baixo Q.I. quando um estudante lhe procurou perguntando se, caso se esforçasse o bastante, poderia se tornar inteligente” (Santos, 2023, p. 7).

O sucesso e a relevância de *Flores para Algernon* não se explicam apenas por seu conteúdo, mas também por sua forma. A obra pode ser classificada tanto como ficção científica quanto como romance de formação, uma vez que retrata o desenvolvimento psicológico, intelectual e emocional do protagonista Santos (2023). Dessa forma, toda a narrativa que é por um narrador-personagem traz Charlie Gordon, um homem em torno de 30 anos com deficiência intelectual submetido a uma cirurgia experimental para aumentar seu QI que busca deixá-lo muito inteligente e se torna o primeiro humano a ser utilizado no experimento que foi realizado anteriormente apenas com o rato Algernon (que dá nome ao livro).

Dessa forma, o procedimento que foi bem-sucedido e que, com o tempo, passa a desenvolver um repertório crítico e emocional extremamente complexo até maior que seus os cientistas que idealizaram a pesquisa e realizaram a cirurgia experimental. O procedimento foi bem-sucedido e, com o tempo, Charlie passou a desenvolver um repertório crítico e emocional extremamente complexo, superior até mesmo ao dos cientistas que idealizaram a pesquisa e realizaram a cirurgia experimental.

O romance é estruturado de forma peculiar: em vez de capítulos tradicionais, é composto por 17 “relatórios de progresso” redigidos pelo próprio Charlie. Essa escolha estilística reforça a verossimilhança da narrativa, ao permitir ao leitor acompanhar, de maneira sensível e progressiva, as mudanças cognitivas e emocionais do personagem.

Por meio de seus relatos, o leitor acompanha duas fases distintas de sua vida: uma primeira, marcada pela expectativa do experimento e compreensão do contexto de vida do personagem; e uma segunda, em que a expansão de seu conhecimento revela não apenas novas possibilidades, mas também o peso de uma realidade que se manifesta por uma estrutura social onde se predomina preconceito e a marginalização de pessoas com deficiência.

Entre os processos fundamentais para a construção do personagem, o contexto social e as figuras que cercam Charlie exercem influência significativa em seu desenvolvimento. Desde o ambiente de trabalho na padaria, onde é alvo de ridicularização, até o espaço acadêmico e científico que o acolhe como objeto de pesquisa, cada contexto evidencia as tensões entre inclusão e exclusão.

As interações sociais marcadas nas relações do personagem contribuem diretamente para sua percepção de si mesmo e do mundo, seja reforçando sua insegurança, como ocorre com os antigos colegas de trabalho, seja despertando novos sentimentos, como acontece na relação com Alice Kinnian. Além disso, a presença dos cientistas, especialmente o doutor Nemur, reforça o caráter utilitarista de algumas relações, onde Charlie é tratado como um meio para fins acadêmicos. Essas experiências vão moldando sua subjetividade, tornando evidente que o crescimento intelectual, por si só, não garante pertencimento, dignidade ou afeto.

3.2 Charlie antes da operação: subjetividade e vulnerabilidade

Na fase inicial, acompanhamos Charlie Gordon antes da realização do experimento, por meio dos primeiros relatórios de progresso. Nesses relatos, o leitor tem contato direto com sua forma de pensar, escrever e perceber o mundo. Com 32 anos, Charlie se apresenta como um homem com deficiência intelectual, que trabalha em uma padaria e frequenta um centro de alfabetização para adultos chamado *Centro para Adultos Retardados*. Sua escrita inicial, repleta de erros gramaticais e ortográficos, funciona como um marcador simbólico de sua condição social, mas também expressa sua subjetividade. Mesmo com suas limitações, Charlie demonstra motivação, sensibilidade e desejo genuíno de aprender, afirmando: “Quero ser inteligente. Eu mi chamo Charlie Gordon [...] quero que eles mi usem porque a professora Kinnian disse que talvez eles possam mi fazer inteligente” (Keyes, 2018, p.33). A fala evidencia seu esforço para corresponder a uma expectativa social de normalidade e valor.

Durante essa fase, Charlie é submetido a testes, como o de *Rorschach*, e expressa emoções como medo e confusão. Em diversos momentos, revela suas expectativas com relação a cirurgia, motivadas, em parte, pelos desejos projetados sobre ele: “Toda a minha vida eu quiz ser inteligente e não burro” (Keyes, 2018, p. 9). Esse desejo parece refletir não apenas uma vontade própria, mas também os sonhos da mãe e da professora Alice Kinnian, que o recomendou para o procedimento. Charlie demonstra entusiasmo quando é informado de que será aceito no experimento: “Eu mi sinto tão empolgado que mal consigo iscrever” (Keyes, 2018, p. 16).

Além disso, o leitor passa a compreender, por meio desses relatos iniciais, o contexto social em que Charlie está inserido. Seu local de trabalho, uma padaria, inicialmente parece acolhedor, mas permeado por situações de humilhação e violência verbal. Isso pode ser observado no trecho: “O gimpi sempre grita com migo qunado eu faço alguma coisa poco certa, mas ele gosta bastante de mim” (Keyes, 2018, p. 13). Percebe-se a construção da ideia da inteligência a partir das relações de Charlie, dentro do núcleo familiar é apresentada como um meio de aceitação, normalidade e orgulho enquanto a deficiência é percebida como uma forma de vergonha, fracasso e rejeição.

Essa dinâmica é evidenciada nas memórias de Charlie, sobretudo em relação à mãe que não aceita Charlie e busca ativamente vários tratamentos pro filho enquanto insistia em punir a criança e negar quem ele é. Em um de seus relatórios

Charlie recorda as palavras da mãe: “Nós vamos ao médico que vai ajudar a deixar você inteligente [...] ele vai ser normal, custe o que custar. Faremos o que precisar.” (Keyes, 2018, p. 129).

Esse discurso constante pela família de Charlie que revela, simultaneamente, o desconhecimento sobre a deficiência é uma idealização da inteligência como único caminho possível. Dessa forma, é estabelecido uma lógica de que seu valor está contido nesse único aspecto cognitivo bem como é uma construção simbólica que não leva em conta as características subjetivas do sujeito e compromete a formação da identidade desde os primeiros vínculos afetivos.

De forma complementar, a escola também contribui para o desenvolvimento e manutenção dos mecanismos de exclusão ao reproduzir discursos e atitudes onde a aceitação do aluno é associada ao seu desempenho intelectual e as expectativas. Isso é evidenciado quando Charlie é rejeitado pela escola e indicado para uma instituição: “ele vai ter que ir para uma escola especial. Coloquem o garoto na Residência Pública e Centro de Treinamento Warren. Nós não podemos tê-lo aqui” (Keyes, 2018, p. 73). Sob essa perspectiva, a escola também passa a atuar como um agente de exclusão, o que reforça sentimentos de rejeição e inadequação, fragilizando ainda mais os vínculos do sujeito.

Na perspectiva científica, o modo como Charlie é escolhido para o experimento também revela a forma como a sociedade enxerga pessoas com deficiência: como objetos de estudo, e não como sujeitos de direito. O entusiasmo dos cientistas não está isento de uma perspectiva instrumentalizadora, ainda que revestida de boas intenções. O Dr. Strauss afirma que Charlie tem algo raro: “uma boa motorvasão [...] uma tremenda vontade de aprender” (p. 59), o que o torna um “candidato ideal”. No entanto, o próprio Charlie não compreende totalmente o que está por vir.

Por fim, a inteligência é caracterizada como um dado que é quantificável, manipulável e reduzida a um número e a um objeto de estudo. Em certos momentos Charlie aponta: “a atitude de que sou uma cobaia. As referências constantes de Nemur sobre ter me feito o que sou ou sobre algum dia haver outros como eu que se tornarão seres humanos reais” (Keyes, 2018, p. 137). Tal perspectiva aponta uma concepção que reduz o sujeito a uma lógica determinista e a um construto limitado e ignora as dimensões socioemocionais, contextuais e culturais que também influenciam e favorecem a construção do sujeito e da sua subjetividade.

3.3 fase intermediário: o período cirúrgico e transformações

A fase intermediária da trajetória de Charlie Gordon inicia-se com a realização da cirurgia experimental e compreende os *Relatórios de Progresso* de 7 a 13. Essa etapa se estende até o momento em que o personagem começa a demonstrar avanços significativos em seu desempenho cognitivo e marca não apenas uma elevação no QI, mas também o início de um profundo processo de mudanças em sua identidade, agora confrontada com novas formas de perceber o mundo e a si mesmo.

Nesse sentido, as mudanças de Charlie, ao contrário do que ele imaginava, não ocorrem de forma imediata. A expectativa de uma transformação contrasta com a realidade de um processo gradual, atravessado por frustrações, inseguranças e sentimentos contraditórios. Como aponta: “ao acordar está manhã dimediato pensei que já estaria inteligente mais não estou” (Keyes, 2018, p. 27).

Essa decepção inicial revela tanto sua inocência quanto a expectativa simbólica depositada na cirurgia como chave para a aceitação social. Logo após o procedimento, Charlie mantém o desejo intenso de se tornar “esperto”, acreditando que a inteligência lhe garantirá afeto, reconhecimento e pertencimento. Como escreve: “se você é inteligente você podi ter muitos amigos para pra conversar e você nunca fica solitário sosinho o tempo todo” (Keyes, 2018, p. 13). A frase ilustra como ele associa valor pessoal à capacidade cognitiva, refletindo um modelo de normalidade funcional internalizado.

Com o tempo, à medida que seu vocabulário se amplia e sua escrita se torna mais complexa, Charlie começa a interpretar de uma outra forma suas experiências e a reconhecer padrões de exclusão que antes lhe eram invisíveis. No entanto, o aumento da capacidade cognitiva não resulta em aproximação emocional com os outros. Pelo contrário, ele passa a observar um distanciamento progressivo: “essa inteligência tinha gerado uma cisão entre mim e todas as pessoas que conhecia e amava, agora estou mais sozinho do que nunca” (Keyes, 2018, p. 104).

A nova percepção da realidade, embora ampliada, revela lacunas afetivas mais profundas. Além disso, esse afastamento é especialmente visível na mudança do comportamento dos colegas da padaria. Antes alvos de sua confiança ingênua, eles agora o evitam, incomodados com sua postura e veem Charlie como uma ameaça. A relação com o grupo se desfaz silenciosamente, não por conta de uma

deficiência, mas daquilo que se tornou “demais”: um sujeito que já não cabe no estereótipo da inferioridade nem na expectativa de submissão.

A rejeição persiste, porém, reformulada sob outra justificativa uma inquietação causada pelas recentes mudanças de Charlie. Conseqüentemente, o deslocamento vivido por Charlie não é apenas social, mas também subjetivo. Ele começa a se enxergar com estranheza, dividido entre sua versão anterior e a nova identidade em formação. “Antes de me envolver com o experimento eu tinha amigos, pessoas que se importavam comigo. Agora eu tenho medo” (Keyes, 2018, p. 106), relata, expressando a desorientação emocional causada pela perda de vínculos. Ele não encontra mais pertencimento nem no universo da deficiência, nem no espaço da “normalidade”, resultando em um sentimento de incerteza existencial.

Paralelamente, a esse processo soma-se uma crescente consciência de que sua trajetória está sendo conduzida não por sua vontade, mas por interesses externos. Charlie se vê como objeto de pesquisa, um experimento que revela mais sobre os cientistas do que sobre ele mesmo. Em tom de denúncia, afirma: “sou uma pessoa, eu era alguém antes de passar pelo bisturi. E tenho que amar alguém” (Keyes, 2018, p. 85). Esse momento marca um rompimento com a visão instrumentalizada de sua existência e evidencia sua luta por reconhecimento como sujeito.

Por outro lado, à medida que acessa memórias da infância, Charlie revive traumas ligados à rejeição familiar. O aumento de sua inteligência proporciona um resgate emocional de experiências dolorosas antes esquecidas e em um dos trechos mais simbólicos, diz: “Sonhei com minha mãe e meu pai, mas não conseguia ver o rosto dela. Era todo branco, borrado” (Keyes, 2018, p. 87). Esse resgate marca uma identidade marcada por silenciamento, negação e esquecimento. Ao mesmo tempo, o esforço de reconstituir esse rosto, ainda que de forma turva, sinaliza sua tentativa de reconstruir a própria história a partir de uma nova posição subjetiva.

Simultaneamente, sua relação com Alice Kinnian também se transforma. Antes uma figura de segurança e acolhimento, ela passa a representar a distância afetiva que a inteligência acentuou. “Sinto que estou me afastando de Alice. Quanto mais aprendo, mais me distancio dela” (Keyes, 2018, p. 115), observa, revelando como o crescimento intelectual, ao invés de fortalecer laços, pode aprofundar sentimentos de isolamento quando não acompanhado de mediações emocionais.

Com o avançar da narrativa, Charlie reconhece que a inteligência não o livrou da exclusão, apenas a revestiu de outra linguagem. “De que adianta ser inteligente se continuo sozinho?” (Keyes, 2018, p. 118). Essa reflexão expõe o

paradoxo da sua transformação: a inteligência como promessa de inclusão revela-se uma nova forma de distanciamento.

O problema não está apenas na deficiência ou na superação dela, mas nas estruturas sociais que condicionam o valor de um sujeito à sua funcionalidade. Por fim, a trajetória de Charlie nessa fase culmina em uma crise de identidade. Sua escrita já apresenta domínio formal e argumentação sofisticada, mas é atravessada por dilemas existenciais e emocionais. Ele começa a se questionar não apenas sobre o que se tornou, mas sobre o que perdeu. “Estou tão distante de Alice com um Q.I de 185 quanto estava quando tinha um Q.I de 70” (Keyes, 2018, p. 121). As alterações cognitivas não solucionaram sua necessidade de afeto e pertencimento, mas revelaram com mais clareza a ausência deles. Conclui-se, assim, que a fase intermediária representa um ponto de inflexão na construção da identidade de Charlie Gordon.

A partir das experiências vividas nesse momento da narrativa, torna-se evidente que a identidade não se constitui como um reflexo direto da capacidade cognitiva, mas é construída e mediada pelas relações sociais, a partir do afeto, da memória e do reconhecimento pelo outro. Assim, embora o aumento da inteligência de Charlie proporcione novas capacidades, não é suficiente, por si só, para assegurar sua aceitação social. Pelo contrário, esse desenvolvimento evidencia que são, sobretudo, as amarras simbólicas, os estigmas e as normas sociais que o impedem de ser reconhecido como um sujeito pleno em sua singularidade.

3.4 a ascensão Intelectual: o encontro com o saber

A fase final da obra Flores para Algernon, observada nos Relatórios de Progresso 14 a 17, evidencia não apenas o processo de regressão cognitiva, mas também uma crise identitária, marcada pelo conflito entre as diferentes versões de si mesmo que Charlie Gordon viveu. Como ele mesmo reflete:

Eu estava ali como parte de uma apresentação científica e esperava ser posto em exibição, mas todos seguiram falando de mim como se fosse uma espécie de coisa recentemente criada que apresentavam ao mundo científico. Ninguém naquela sala me considerava um indivíduo um ser humano (Keyes, 2018 p. 150).

Essa passagem ilustra como sua identidade foi reduzida a objeto de estudo desde o início, antecipando a desumanização que se intensificará na fase de regressão.

A narrativa de Charlie, antes repleta de precisão, começa a apresentar falhas linguísticas e sintáticas, refletindo, assim, a perda gradual de suas capacidades intelectuais. Essa percepção gera, no personagem, um esforço de resistência, manifestado em sua tentativa desesperada de afirmação: "Não que eu o culpe por isso, mas aqui estou eu, todo arrumado, melhor do que nunca. Pode testar. Faça perguntas. Eu falo vinte idiomas, vivos e mortos; sou um gênio matemático e estou escrevendo um concerto para piano que fará com que se lembrem de mim por muito tempo depois que eu partir" (Keyes, 2018, p. 174).

Contudo, com a progressão do declínio, torna-se evidente a dissonância entre o Charlie do presente e aquele que compreendia teorias complexas, como ele mesmo constata: "Reli meu relatório sobre o efeito Algernon-Gordon e, mesmo que eu saiba que o escrevi, sigo sentindo que foi escrito por outra pessoa. A maior parte dele eu nem entendo" (Keyes, 2018, p. 252). A frustração, acompanhada de raiva e confusão, revela os efeitos psicológicos do processo de regressão. Charlie expressa essa angústia identitária quando reflete sobre seu passado: "Tenho relido com frequência meus primeiros relatórios de progresso e notei o analfabetismo, a ingenuidade infantil, a mente de baixa inteligência espiando de um quarto escuro pelo buraco da fechadura para a luz impressionante do lado de fora" (Keyes, 2018 p. 185). Essa metáfora visual ilustra precisamente a condição liminar entre dois estados de ser que caracteriza sua experiência.

Ademais, a deterioração impacta profundamente seus vínculos afetivos, especialmente com Alice. O afastamento da professora reflete o colapso das relações significativas: "Alice partiu. [...] Você não sabe como é ter algo que você não consegue ver ou controlar acontecendo dentro de você, e saber que está escapando por seus dedos" (Keyes, 2018, p. 255). Esse isolamento é agravado pela cobertura midiática desumanizante: "Nossa fuga chegou aos jornais ontem [...] A manchete dizia: Imbecil-gênio e rato somem do mapa" (p. 155), demonstrando como a sociedade reduz sua complexidade humana a rótulos contraditórios.

A fase final culmina com o retorno à instituição, decisão que revela tanto resignação quanto um último ato de autonomia: "É por isso que estou indo embora daqui pra sempre pra escola da Residência Warren. [...] Sei que todo mundo sente pena de mim na padaria e não quero isso também" (Keyes, 2018, p. 260). Nesse

momento, Charlie demonstra uma sabedoria emocional adquirida através da experiência: "A coisa tola era tentar resolver o problema sozinho. Mas, quanto mais me aprofundava nesse emaranhado bagunçado de sonhos e memórias, mais eu percebia que problemas emocionais não podem ser resolvidos como problemas intelectuais" (Keyes, 2018, p. 188).

Sua conclusão, "Me sinto grato de ter visto tudo, nem que seja um pouquinho" (Keyes, 2018, p. 260), contrasta com sua afirmação anterior de necessidade de reconhecimento paterno: "Ele precisava admitir que eu estava vivo, que eu era alguém [...] Se ele soubesse que eu era filho dele, então eu seria uma pessoa" (p. 173). Essa evolução mostra que, embora a sociedade continue falhando em reconhecê-lo como sujeito pleno, Charlie alcança uma forma de autoaceitação.

Dessa forma, a fase final da narrativa ilustra com sensibilidade os impactos da deficiência na construção da identidade, evidenciando como o reconhecimento social e os vínculos afetivos constituem dimensões fundamentais do sujeito. A experiência de Charlie Gordon, embora fictícia, convida à reflexão sobre os efeitos psicossociais da deficiência e os processos subjetivos vivenciados por aqueles que se encontram à margem das normatividades sociais.

4 AS ADAPTAÇÕES EMOCIONAIS DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES DO PROTAGONISTA CHARLIE GORDON

4.1 emoções como núcleo da transformação

Na trajetória de Charlie Gordon, as emoções atuam de forma central em sua construção subjetiva. No início dos Relatórios de Progresso, já podemos identificar emoções como medo e esperança. Dessa forma, as emoções e afetos do personagem nos fornecem pistas sobre como ele se sente em diversos contextos e sobre as influências sociais em sua forma de sentir. Como afirma Fonseca (2016), a emoção, ou o afeto, diz respeito a sentimentos desencadeados por estímulos ou situações do ambiente, envolvendo não apenas a avaliação subjetiva desses eventos, mas também respostas corporais e influências de crenças culturais.

No caso de Charlie, suas emoções devem ser compreendidas em conjunto com seu contexto social. Suas reações afetivas são constantemente influenciadas pela forma como os outros o vêem, pelas expectativas sociais do experimento, de outras relações e pelas experiências de exclusão acumuladas ao longo de sua vida. Nessa perspectiva, Charlie se apresenta como um sujeito sensível, movido por um desejo profundo de pertencimento, aceitação e afeto. Além disso, seu desejo de se tornar inteligente não vem apenas como uma aspiração cognitiva, mas como um meio de ser reconhecido e amado em uma conjuntura social que, até então, o tratava com desprezo, vendo-o apenas como um sujeito limitado.

Dessa maneira, as emoções conferem sentido à vida durante o processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que emergem diante de situações desafiadoras que geram frustração, exposição e sofrimento psíquico, oferecendo pistas e informações relevantes para a adaptação. No período pré-cirúrgico, Charlie tem uma percepção inocente de suas reações, e seu desejo de aprender e conectar-se com os outros é permeado pela crença de que ser inteligente é a única forma de conquistar amigos, reconhecimento e o amor de sua família. Esse é um período em que ele se sente grato por ter sido aceito no experimento, idealizando uma nova vida após a cirurgia e considerando esta como a grande chance de sua vida.

Após a cirurgia, com o aumento gradual de sua inteligência, Charlie passa a evocar lembranças de vivências familiares e escolares que lhe causam grande sofrimento. A expectativa e a euforia iniciais são substituídas por uma consciência dolorosa ao recordar episódios em que percebe que muitas de suas relações eram

baseadas em zombarias. Com isso, surgem a tristeza, a solidão e o ressentimento, e Charlie passa a refletir sobre sua existência e absorve o impacto social da exclusão. À medida que sua inteligência aumenta, intensifica-se também seu isolamento: se antes esperava pertencimento, agora reconhece que a inclusão não depende apenas de habilidades, mas é regulada por normas sociais que determinam quem é digno de aceitação.

Como nos lembra Sawaia e Silva (2015) defendem que as emoções estão ligadas à história de vida do sujeito e ao seu contexto sociocultural. Elas não são apenas impulsos espontâneos, mas atravessadas por significações singulares que se constroem nas relações. Em Charlie, as emoções não surgem do nada: elas são resultado de uma longa trajetória marcada por expectativas frustradas, negação de sua condição como sujeito pleno, perda de vínculos com figuras de referência e experiências de violência.

Na fase final, quando os efeitos da cirurgia começam a regredir, Charlie perde aquilo que tanto desejava e, com o declínio cognitivo, demonstra uma maturidade emocional que antes não possuía. Cada emoção vivida por ele carrega o peso de sua história e o impacto das normas sociais que, ao longo da vida, definiram o que era ser “normal”, digno de afeto ou de esquecimento. Em um momento de profunda reflexão, Charlie reconhece que os problemas emocionais não se resolvem da mesma forma que os problemas intelectuais, indicando que compreender racionalmente uma dor não é suficiente para transformá-la ou superá-la. Essa consciência marca um ponto crucial de sua trajetória: o entendimento de que a inteligência emocional exige outro tipo de elaboração mais lenta, relacional e profundamente enraizada nos vínculos humanos.

Nesse sentido, entender as emoções de Charlie é compreender seu processo de subjetivação, de forma que seu sofrimento não se limita à perda ou aos ganhos intelectuais, mas também à forma como suas relações são afetadas, o que transforma sua percepção de si mesmo e sua posição no mundo, ao passo que ressignifica a própria existência e busca reconstruir sua identidade.

4.2 impacto das transformações na estrutura psicológica

O processo de mudanças cognitivas vivenciado por Charlie Gordon em Flores para Algernon ilustra, de maneira profunda, como mudanças externas abruptas podem desencadear rupturas na estrutura psicológica. Nessa perspectiva, a análise

de Fanon (2008) sobre a construção identitária do sujeito negro oferece um paralelo significativo: o indivíduo marginalizado confronta-se com uma identidade imposta pelo olhar opressor, o que fragiliza sua autoimagem e exige dolorosa reconstrução psíquica. Essa dinâmica ressoa na teoria sócio-histórica de Vygotsky (1997), para quem o desenvolvimento humano é mediado socialmente e, quando tais mediações são radicalmente alteradas, demandam complexos processos de reelaboração subjetiva.

Além disso, os relatórios de progresso documentam não apenas a evolução cognitiva de Charlie, mas também seu percurso emocional. Inicialmente marcados por ingenuidade e erros linguísticos, esses registros gradualmente revelam sua crescente consciência tanto intelectual quanto afetiva. Conforme afirma Vigotsky (1998) que localiza a origem da psique nas reações do organismo aos sentimentos primários de satisfação e insatisfação, os quais passam a orientar as ações. Ele destaca o "caráter ativo do sentimento", considerando que "toda emoção é um chamado à ação ou à rejeição da ação" (p. 119). Para Charlie, essa reorganização emocional intensifica seu sofrimento ao confrontá-lo com uma realidade cruel: a rejeição persistente, seja como pessoa com deficiência intelectual, seja como gênio.

Esse sofrimento torna-se evidente quando Charlie passa a decodificar as interações sociais que antes eram desconhecidas. Segundo Crochík (2011), a percepção aguçada do preconceito e da exclusão sofridos anteriormente produz sofrimento psíquico intenso, já que o sujeito se vê obrigado a ressignificar suas experiências passadas à luz de uma nova consciência crítica. No caso específico do protagonista, essa reelaboração mostra-se particularmente dolorosa ao confrontá-lo com a ambiguidade das relações familiares.

Outrossim, a relação ambivalente com sua mãe exemplifica o duplo vínculo (Bateson *et al.*, 1956, apud Dinn, 2022): enquanto verbalmente cobrava sua 'normalização', não verbalmente reforçava sua incapacidade. Essa contradição, somada à impossibilidade de Charlie contestá-la (pela hierarquia familiar e sua condição inicial), aprofundou sua culpa e medo e emoções que persistiram mesmo após o experimento.

A dinâmica psicológica desencadeada por essas transformações pode ser compreendida à luz de três eixos principais: 1. Crise identitária: com a impossibilidade de integrar a nova condição intelectual com a autoimagem preexistente; 2. Desregulação emocional: a carência de recursos psicológicos para processar experiências sociais complexas; 3. Conflito existencial: A percepção dolorosa da

transitoriedade de sua condição, antevendo o próprio declínio cognitivo (Bowlby, 1969, apud Ramires, 2010).

Esses elementos demonstram como a estrutura psicológica é profundamente afetada quando as mudanças externas ocorrem de forma desproporcional aos recursos e estratégias disponíveis. Como consequência, o processo de reelaboração emocional torna-se não apenas necessário, mas também potencialmente desafiador, exigindo do sujeito esforços adaptativos extremos que ocasionam sofrimento psíquico como é demonstrado na obra.

Como toda criança, Charlie, em sua condição de pessoa com deficiência intelectual, desenvolveu-se através das interações familiares que constituíram sua base emocional e identitária. Segundo Costigan *et al.* (2000), essa relação é vivida de forma contraditória: por um lado, há o reconhecimento do pertencimento familiar e da necessidade de proteção; por outro, enfrenta-se o desafio constante de lidar com limitações e expectativas frustradas. Charlie cresceu imerso nessa ambivalência, e sua nova consciência, adquirida após o experimento, apenas amplificou o sofrimento que antes não conseguia nomear. Como alertam Del Prette e Del Prette (2005), esse desenvolvimento desigual entre inteligência e habilidades socioemocionais gera desequilíbrios significativos, criando um desequilíbrio no processo de adaptação.

A construção identitária, como mostra Reis, Araújo e Glat (2019), não é um processo isolado, mas coletivo que envolve estratégias de enfrentamento a estigmas e a formação de vínculos. Contudo, a sociedade frequentemente nega a subjetividade das pessoas com deficiência intelectual, tratando-as como 'incompletas' e reduzindo-as a suas limitações cognitivas. Para Charlie, essa negação é duplicada: primeiro, quando é visto como 'incapaz'; depois, como 'anormal' por sua genialidade. Essa dupla exclusão reforça o caráter opressivo das normas sociais sobre corpos e mentes dissidentes.

Em síntese, a trajetória de Charlie evidencia que alterações sociais e individuais, quando dissociadas de suporte emocional e social, geram fraturas identitárias profundas. A obra expõe a ironia trágica de sua condição: a inteligência que poderia libertá-lo torna-se fonte de dor ao revelar os mecanismos de exclusão que sempre o cercaram. Como alertam Del Prette e Del Prette (2005), tal assimetria entre cognição e habilidades socioemocionais cria uma armadilha psicológica evidenciando que o desenvolvimento humano, para ser saudável, deve integrar todas as dimensões do sujeito.

4.3 do conflito à ressignificação: etapas da adaptação emocional

Logo nas primeiras páginas da obra, destaca-se a ingenuidade característica de Charlie Gordon, marcada por erros ortográficos em seus relatórios que, além de conferir verossimilhança à narrativa. Nesse estágio inicial, evidencia-se um esforço contínuo do personagem em ser reconhecido como inteligente, movido por um desejo profundo de aceitação por parte da família e amigos. Para compreender essa dimensão afetiva, é fundamental reconhecer que a construção emocional de Charlie não ocorre no vazio, mas está historicamente situada. Como afirma Sève (1989) as emoções, enquanto parte da vida psíquica, não são naturais ou estáveis, mas variam conforme a historicidade, sendo diretamente moldada pelas condições sociais, culturais e ideológicas do contexto. Dessa forma, as emoções apresentadas ao longo da narrativa não refletem apenas vivências individuais, mas também sua inserção em um sistema de exclusão e marginalização.

Com a realização do procedimento cirúrgico, Charlie passa por mudanças cognitivas profundas que alteram radicalmente sua percepção de mundo. Se anteriormente seu olhar era marcado por ingenuidade e esperança, agora ele se vê diante de um processo doloroso de descoberta: a compreensão das situações de exclusão que sempre vivenciou, mas nunca havia percebido. Como consequência, sentimentos de raiva e frustração emergem com intensidade, revelando um conflito interno em crescimento.

Nesse contexto, sua sede por conhecimento - agora potencializada pelas novas habilidades intelectuais - transforma-se em uma verdadeira crise identitária. Charlie se vê dividido por uma duplicidade de papéis: o "eu" anterior, marcado pela exclusão e pela incapacidade de compreender plenamente as interações sociais; e o "eu" atual, que, dotado de uma nova percepção, reconhece as injustiças e violências que sofreu. Essa cisão não apenas evidencia seu crescimento intelectual, mas também expõe o sofrimento psíquico decorrente do confronto com lembranças dolorosas e estruturas sociais opressoras que antes lhe eram invisíveis.

Assim, a fase intermediária da narrativa apresenta um Charlie que ao mesmo tempo apresenta uma nova consciência do mundo e de si mesmo o que gera tanto possibilidades quanto angústias. Enquanto adquire ferramentas para decifrar códigos sociais complexos, simultaneamente precisa lidar com o peso emocional dessa compreensão, isto se torna, um paradoxo que intensifica seu percurso de autoconhecimento e prepara o terreno para a fase final de sua trajetória.

À medida que Charlie avança em seu desenvolvimento cognitivo, suas descobertas assumem um caráter cada vez mais profundo, especialmente quando confrontado com temas complexos como sexualidade, religião e moralidade. Nesse processo, ele testemunha a gradual desconstrução de suas crenças e paradigmas, que se revelam frágeis diante de sua nova capacidade analítica.

Um momento crucial dessa transformação ocorre quando Charlie descobre que Gimpy, seu colega de trabalho, rouba dinheiro da padaria. Esse episódio específico desencadeia um conjunto de indignação, raiva e um profundo sentimento de traição que vai muito além do fato em si. Na realidade, essa reação intensa simboliza a tomada de consciência sobre sua própria condição anterior: ele percebe, de forma dolorosa, como foi explorado e objetificado durante anos, sem jamais ter compreendido plenamente essas dinâmicas.

Como bem observa Vygotsky (1997, p. 217), "são as necessidades e dificuldades enfrentadas pelo sujeito, em sua interação com o meio, que originam as emoções, como forças mobilizadoras para que esse sujeito supere tais dificuldades". Nessa perspectiva, as emoções intensas que Charlie experimenta não são meras reações, mas mecanismos psicológicos essenciais para seu processo de amadurecimento. Elas funcionam como: Catalisadores para sua transformação pessoal; Sinais internos que demarcam novas compreensões; Ferramentas para lidar com realidades até então ocultas.

Esse estágio da narrativa marca uma transição fundamental: Charlie com novas possibilidades do seu aparato intelectual toma consciência em seu próprio desenvolvimento e responsabilidades. Contudo, essa nova posição traz consigo dilemas éticos complexos e um sofrimento psíquico intenso, já que cada nova descoberta revela camadas mais profundas de injustiça e incompreensão que marcaram sua vida anterior. Assim, o que poderia ser apenas um crescimento intelectual transforma-se em uma verdadeira revolução existencial.

Neste momento crucial, Charlie Gordon é confrontado com complexos dilemas éticos, como a decisão entre denunciar o colega Gimpy ou proteger seu patrão Donner. Essa encruzilhada moral representa muito mais que um simples conflito, ela simboliza o despertar completo de sua consciência crítica. Pela primeira vez, Charlie se reconhece como vítima de manipulação e subestimação ao longo de sua vida, compreensão essa que gera uma profunda reorganização identitária.

Em síntese, a análise evidencia que transformações cognitivas radicais, quando não acompanhadas do correspondente desenvolvimento emocional e suporte social adequado, podem levar a rupturas psicológicas profundas. O caso de Charlie Gordon ilustra como o crescimento intelectual pode ampliar a consciência de exclusão, revelando a complexa relação entre cognição, emoção e construção identitária no desenvolvimento humano.

4.4 contradições e ambivalências no percurso emocional

O processo de alterações emocionais de Charlie Gordon em Flores para Algernon é marcado por intensas contradições e ambivalências, revelando não apenas as dificuldades de adaptação a uma nova realidade, mas também a influência de vivências passadas e os conflitos decorrentes delas. Longe de ser uma trajetória linear de superação, mas sim como uma travessia repleta de rupturas internas, reações inesperadas e revisões dolorosas de si mesmo. Essas oscilações, no entanto, não apontam para uma fragilidade de caráter, mas para a complexidade da condição humana quando confrontada com mudanças que desestabilizam tanto a estrutura emocional quanto a identidade do sujeito.

O conceito de sentido subjetivo, desenvolvido por González Rey (2011), ajuda a elucidar essa dinâmica, referindo-se à implicação emocional que um conteúdo adquire na experiência de um indivíduo, ou seja, à maneira como um significado se expressa na articulação entre o plano afetivo e o simbólico. No caso de Charlie, o conteúdo simbólico de "ser inteligente" carrega sentidos subjetivos que se transformam ao longo da narrativa: inicialmente associado ao desejo de ser amado, depois ao isolamento e, por fim, à responsabilidade social. Esses sentidos não são fixos, mas variáveis, moldados pelo contexto e pelas experiências vividas, o que demonstra a natureza fluida e contextual da subjetividade.

Como afirma González Rey (2005, p. 263), "a subjetividade não é algo ordenado e definido de uma vez por todas, mas se expressa na confluência de uma série de sentidos que podem aparecer de variadas formas, dependendo do contexto de sua expressão". Essa perspectiva permite compreender por que Charlie, mesmo após alcançar um elevado nível intelectual, não encontra estabilidade emocional. A cada nova lembrança ou interação, sua subjetividade se reorganiza em torno de sentidos conflitantes, levando-o a oscilar entre empatia e arrogância, entre o desejo de conexão e a necessidade de isolamento. Essas ambivalências não são falhas, mas

expressões legítimas de um processo contínuo de constituição subjetiva, marcado tanto por contradições internas quanto por demandas externas.

À medida que Charlie adquire maior compreensão de si mesmo, dos outros e dos códigos sociais que antes lhe eram obscuros, ele não alcança apenas clareza, mas também desalento, vergonha e desamparo. Sua intelectualização progressiva não o protege da dor; ao contrário, amplia sua sensibilidade para perceber violências que, antes, eram atenuadas pela ingenuidade. O mesmo conhecimento que lhe confere poder o confronta com lembranças de abusos, rejeições e manipulações. As conquistas cognitivas não se traduzem imediatamente em equilíbrio emocional: Charlie descobre verdades, mas não está preparado para assimilá-las afetivamente. Nesse sentido, sua trajetória ilustra a complexidade do psiquismo humano, que não se reduz a uma dicotomia entre razão e emoção, mas abarca uma teia de contradições dinâmicas.

Essa ideia ressoa na obra de Frantz Fanon, que em *Pele Negra, Máscaras Brancas* analisa as dinâmicas psicológicas resultantes do racismo internalizado, destacando como a opressão racial impacta a construção da identidade individual e coletiva (p. 800). Assim como Charlie, o sujeito colonizado em Fanon vive uma ambivalência emocional entre a internalização de uma identidade imposta (pela ciência, no caso de Charlie; pelo racismo, em Fanon) e a busca por autenticidade. A "luta interna" descrita por Fanon ecoa a vergonha e o desalento de Charlie ao confrontar sua própria história.

A "descolonização da mente" em Fanon dialoga com a reorganização subjetiva de Charlie: ambos envolvem rupturas dolorosas com identidades internalizadas (seja a do "gênio" temporário, seja a do "corpo colonizado"). Fanon explica como a descolonização representa um reinventar constante da autoestima e da identidade dos oprimidos, revertendo os estragos causados pela opressão colonial. Nesse sentido, deve-se criar uma resistência que corresponda à "história de resistência" dos colonizadores (Fanon, 1963, p. 69).

A memória desempenha um papel crucial nesse processo. Lembranças antes silenciadas ressurgem com força à medida que sua cognição se expande, atuando como gatilhos emocionais que o desestabilizam. O desejo de ser aceito pela mãe, por exemplo, não desaparece com a inteligência; antes, é ressignificado, tornando-se um motor inconsciente para suas ações. Isso revela como afetos antigos persistem, ainda que transformados, demonstrando que a dor não é superada, mas atualizada em novos contextos.

Por fim, ao compreender a subjetividade como um sistema complexo (Rey, 2011, p. 8), percebe-se que ela é “uma produção viva, singular, permanentemente atravessada por sentidos que se atualizam”. A ambivalência de Charlie, portanto, não é um defeito, mas um reflexo dessa complexidade: ele não é apenas um sujeito em transformação, mas um sujeito em constante negociação consigo mesmo e com o mundo. Sua jornada, assim, transcende a narrativa de ganhos e perdas cognitivas, tornando-se um testemunho profundo das contradições que definem a condição humana.

4.5 ressonâncias coletivas da experiência emocional

A experiência emocional vivenciada pelo personagem central da narrativa revela, em sua singularidade, os mecanismos estruturais que organizam as relações sociais e os processos de subjetivação. Mais do que um estudo de caso sobre transformação cognitiva, sua história revela os fundamentos ideológicos que determinam hierarquias de valor entre diferentes modos de existência. Na alternância entre estados cognitivos distintos - da deficiência intelectual à genialidade transitória e retorno - evidencia-se a arbitrariedade dos critérios sociais que classificam e segregam indivíduos.

A obra *Flores para Algernon* funciona, portanto, como um espelho das engrenagens que controlam afetos e identidades. A ambivalência emocional de Charlie que oscila entre esperança e desespero, entre o desejo de conexão e o isolamento não surge no vazio, mas sim é alimentada por um contexto que celebra a produtividade e, ao mesmo tempo, rejeita a vulnerabilidade. Seu relato mostra, de forma contundente, como a exclusão não é meramente uma escolha, e sim um mecanismo estrutural: de fato, ele é tratado como objeto de estudo antes da cirurgia, como ameaça durante o ápice de sua inteligência e, por fim, como fracasso quando regride.

A experiência de Charlie Gordon não pode ser compreendida de forma isolada, fora das estruturas de poder que produzem e regulam os corpos e mentes considerados "normais" ou "anormais". Nesse sentido, a leitura foucaultiana ilumina esse processo de maneira particular ao revelar como o poder moderno opera não pela simples repressão, mas principalmente através de sofisticados dispositivos de normatização que classificam, medem e moldam os indivíduos (Foucault, 1975). Desde sempre, desde a infância, Charlie é atravessado por esses mecanismos: por

um lado, sua mãe o submete a terapias corretivas, por outro, a escola o rejeita, enquanto a sociedade o reduz à condição de objeto de piedade ou estudo. Assim, a cirurgia que promete transformá-lo em um gênio não é um ato de libertação, pelo contrário, é a culminância desse projeto biopolítico, isto é, uma intervenção que busca adequá-lo a um ideal de inteligência e produtividade.

O paradoxo é cruel: de fato, quando Charlie adquire capacidades intelectuais excepcionais, ele não escapa do controle, mas sim é reinserido em outro regime de vigilância. Assim, de "deficiente" a ser monitorado, torna-se "experimento" a ser observado. Contudo, sua mente brilhante não lhe garante pertencimento; pelo contrário, isola-o ainda mais, pois, como mostra Foucault, o poder não tolera corpos que escapam às suas categorias. Nesse contexto, a cena em que Charlie percebe que os cientistas o veem como um caso de estudo, e não como pessoa, expõe com clareza a violência desse sistema: afinal, ele é um corpo útil enquanto prova a eficácia da técnica, mas torna-se descartável quando regride.

A experiência de Charlie Gordon revela-se ainda mais complexa quando iluminada pelo pensamento de Frantz Fanon sobre a alienação do sujeito colonizado. Enquanto Foucault nos mostra os mecanismos disciplinares que produzem corpos dóceis, Fanon (2008) por sua vez desvela a violência epistêmica que fabrica subjetividades dilaceradas, processo que claramente encontra eco na jornada de Charlie. Embora não racializado, Charlie não consegue compartilhar com o *sujeito fanoniano* a condição de ser um corpo marcado pela patologização, ou melhor, um "erro biológico" que demanda correção.

A violência dessa experiência está precisamente no fato de que Charlie, assim como o colonizado de Fanon, é condenado a uma existência dupla: por um lado, deve performar a genialidade que lhe foi artificialmente concedida e, por outro, carregar a memória da exclusão e violências. Não por acaso, seus momentos de maior lucidez são também de maior sofrimento pois, como escreve Fanon, "o negro que trabalha nas plantações de algodão sonha em ser branco", e, da mesma forma, Charlie, o "homem do laboratório", sonha em ser normal, mesmo quando sua inteligência o coloca além da norma.

Foucault nos ensina que o saber científico produz a própria ideia de "anormalidade" que condena Charlie; Fanon, por sua vez, mostra como o desejo de reconhecimento em sistemas opressores gera alienação. Quando Charlie chora ao enterrar Algernon, não lamenta apenas um rato, mas todos os corpos descartáveis

como o seu. Sua dor emocional é, portanto, a expressão singular de uma violência coletiva.

A genialidade temporária de Charlie não o libertou como ele imaginava, mas o tornou crítico de um mundo que só valoriza inteligência quando útil. Na cena em que raspa seus relatórios científicos, ele não apaga apenas palavras, mas a linguagem que o reduziu a objeto de estudo. E ao escolher a Residência Warren, ele não "volta ao início": assume publicamente o lugar daqueles que o sistema insiste em apagar.

A afetividade, nesse contexto, configura-se enquanto dispositivo político. A condição emocional instável de Charlie não representa uma fragilidade, mas, antes, consolida-o como testemunho incontestável dos mecanismos pelos quais o poder opera a distorção dos afetos com vistas à manutenção de privilégios estruturais. Desse modo, evidencia-se o seu ensinamento mais contundente: a genuína inteligência não se mensura por parâmetros psicométricos, mas sim pela capacidade de confrontar os aparatos normativos que determinam modos de sentir, constructos identitários e valorações existenciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender os impactos psicossociais da inteligência na construção da identidade de Charlie Gordon, personagem central da obra *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes. A partir de uma abordagem qualitativa e fundamentada na psicologia do desenvolvimento e na psicologia social, foi possível percorrer as mudanças do personagem em suas diferentes fases anterior à cirurgia, período de ascensão intelectual e fase de regressão analisando as implicações cognitivas, emocionais e relacionais presentes em cada etapa.

Com base no referencial teórico da psicologia do desenvolvimento e da psicologia social, com ênfase em autores como Vygotsky, Erikson, Ciampa e Goffman, discutiu-se como a deficiência intelectual é, frequentemente, construída socialmente, não apenas como uma condição biológica, mas também como um marcador simbólico que limita o reconhecimento e a dignidade do sujeito.

Os objetivos específicos propostos foram alcançados: (a) identificamos os elementos psicossociais que influenciam a construção da identidade, como os estigmas, a exclusão e as dinâmicas familiares e escolares; (b) exploramos a trajetória de Charlie Gordon, dividida em três fases distintas (antes da operação, ascensão intelectual e regressão), destacando suas mudanças cognitivas, emocionais e sociais; e (c) analisamos como os estereótipos sociais impactaram sua autoimagem, gerando conflitos e sofrimento psíquico.

O percurso analítico revelou que a identidade de Charlie não se molda de forma linear, mas sim em um constante tensionamento entre o desejo de pertencimento e as normatividades sociais que o excluem. Essa dinâmica se manifesta através dos vínculos afetivos, especialmente com a família, os colegas de trabalho e a professora Alice, atravessados por ambivalências que ora o fortalecem, ora intensificam seu sentimento de inadequação. Ao passar pelo experimento, Charlie enfrenta o paradoxo da solidão: a inteligência que prometia inclusão revela-se, na verdade, um novo motivo de afastamento.

Essa constatação reforça a ideia de que a deficiência intelectual, conforme argumenta Vygotsky (1997, p. 61), deve ser compreendida a partir de sua dimensão social: “está em nossas mãos evitar que o surdo, o cego e o deficiente mental sejam pessoas com defeito” (p. 61), ou seja, o que incapacita verdadeiramente é a forma como a sociedade lida com a diferença.

Outro aspecto relevante diz respeito à assimetria entre cognição e habilidades socioemocionais, tema central na análise das emoções de Charlie. As mudanças cognitivas vividas por ele, quando não acompanhadas por suporte emocional e social, geraram desorganização psíquica, crise identitária e sofrimento. Como foi possível observar, sua trajetória não evidencia apenas um conflito interno, mas revela os efeitos do olhar social normativo, que oscila entre a negação e a instrumentalização de sua subjetividade. A análise da obra permitiu, portanto, compreender que a subjetividade não é uma categoria isolada, mas um campo de tensões atravessado por poder, linguagem e afeto.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de ampliar os estudos sobre deficiência intelectual a partir de abordagens que contemplem a subjetividade e a construção identitária. Além de questionamentos a perspectivas reducionistas, centradas apenas no déficit que desconsideram a complexidade das experiências vividas por esses sujeitos e contribuem para sua invisibilização social. A psicologia, tem um papel fundamental na construção de uma prática ética e inclusiva, que valorize a singularidade e combata os estereótipos.

Portanto, Flores para Algernon, ao narrar a experiência de Charlie, oferece uma potente ferramenta de reflexão crítica. A narrativa transcende a ficção ao denunciar estruturas sociais opressoras e ao convidar o leitor a repensar suas concepções sobre deficiência, inteligência e humanidade. Conclui-se, portanto, que o reconhecimento da dimensão subjetiva dos sujeitos com deficiência intelectual é condição essencial para a promoção de políticas públicas, práticas educativas e relações sociais mais justas, humanas e emancipadoras.

REFERÊNCIAS

ABAD, A. **Explorando a identidade social: fatores e influências.** Alternativas Cubanas en Psicología, Havana, v. 12, n. 35, p. 19-30, 2013.

ABREU, F.; PEDERIVA, P. **Deficiência intelectual e teoria histórico-cultural: um resgate aos textos de Vigotski.** Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v. 11, n. 1, 2023.

AGUIAR, W. M. J. **Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-histórica.** In: BOCK, A. M. B. et al. (Orgs.). Psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2001.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5.** ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023. 1152 p.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1985.

BHERING, E.; SARKIS, A. **Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil.** Revista Horizontes, v. 27, n. 2, p. 7-20, 2009.

BISOL, C. A.; PEGORINI, N. N.; VALENTINI, C. B. **Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social.** 2017.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010.** Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **A ecologia do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BUENO, J. G. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente.** EDUC, São Paulo, 2004.

CABRAL FILHO, A. V.; FERREIRA, G. **Movimentos sociais e o protagonismo das pessoas com deficiência.** 2013.

CARVALHO, E. N. S. **Deficiência intelectual: conhecer para intervir.** Pedagogia em Ação, v. 8, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pedagogiacao/article/view/12845/10035>. Acesso em: 6 abr. 2025.

CIAMPA, A. C. A identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento.** 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CIAMPA, A. C. **Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno.** Interações, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 87-101, jul./dez. 1998.

CLASSIFICAÇÃO de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2007.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito e inclusão.** Webmosaica, v. 3, n. 1, 2011.

DA SILVA VENCATO, L.; WENDLING, M. I. **A percepção da família sobre o desenvolvimento da autonomia nas pessoas com deficiência intelectual.** Revista Universo Psi, v. 1, n. 1, p. 1-25, 2020.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DE OLIVEIRA FALABELO, R. N. **Conhecimento, emoções, afetividade: desejo de escrever “palavrinhas”.** Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 16, n. 4, p. 327-337.

DE OLIVEIRA MIGUEL, F. **As representações sociais e subjetividades: o corpo das pessoas com deficiências.** Revista Saberes e Sabores Educacionais, v. 9, p. 115-121, 2022.

DIAS, S. S.; OLIVEIRA, M. C. **Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 19, p. 169-182, 2013.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINN, E. L. C. D. **Influência do duplo vínculo nas relações interpessoais e intrapessoais.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: EdUfba, 2008.

FONSECA, V. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica.** Revista Psicopedagogia, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.

FOUCAULT, M. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** 2ª. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010

FREITAS, N. K. **Representações mentais, imagens visuais e conhecimento no pensamento de Vygotsky**. Ciências & Cognição, v. 6, 2011.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 1995. 356 p.

GONÇALVES, P. B. et al. **Formação da identidade e socialização no Limoeiro**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 63, p. 141–147, 1987.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thompson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KEYES, D. **Flores para Algernon**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2018.

LACLAU, E. Universalismo, particularismo e questão de identidade. **Revista Novos Rumos**, n. 21, 2012.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. **Gênero e deficiência: interseções e perspectivas**. Revista Estudos Feministas, v. 20, n. 3, p. 635-655, 2012.

MELO-DIAS, C.; SILVA, C. F. da. **Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 20, n. 1, p. 101-113, 2019.

MENDES, E. G.; NOGUEIRA, S. A. **O modelo social de deficiência e as práticas escolares**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 14, n. 1, p. 35-52, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/HQwb73v6jhsrVZdwJfhXvhc/?lang=pt>.

RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, M. S. **Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?** *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, p. 25-33, 2010.

REIS, J. G.; ARAÚJO, S. M.; GLAT, R. **Autopercepção de pessoas com deficiência intelectual sobre deficiência, estigma e preconceito**. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1-16, 2019.

SANTOS, I. A. **As Quatro Estações de Charlie Gordon, de Flores para Algernon**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com

habilitação em Editoração) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SAWAIA, B. B.; SILVA, D. N. H. **Pelo reencantamento da psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano.** Cadernos CEDES, v. 35, n. 96, p. 343–360, 2015.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; A. Maria; S., E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003.

SÈVE, L. **A personalidade em gestão.** In: SILVEIRA, P.; DORAY, B. (orgs.). Elementos para uma teoria marxista da subjetividade. São Paulo: Vértice, 1989.

SILVEIRA, B. R. **Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em Viver a Vida.** 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

STIKER, H. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (dir.). **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 2, p. 347-374.

TAJFEL, H.; AMÂNCIO, L. **Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social.** São Paulo: Vozes, 1982.

VITTI, S. C. A. **Considerações sobre a construção da identidade.** In: SANTOS, R. M. (org.). Ciências humanas em perspectiva: reflexões sobre cultura, sociedade e comportamento 3. [S.l.]: [Editora], 2024. p. [inserir páginas]. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.680240204>.

VYGOTSKY, L. S. **A educação do comportamento emocional.** In: VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 113-124.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectologia.** Madrid: Visor, v. 5, 1997.

ZULIAN, A. **Indivíduos e comportamento: aspectos cognitivos, institucionais e identidades sociais.** 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado em Economia e Desenvolvimento) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.